



O NORDESTE, A POLÍTICA E A VULNERABILIDADE DA SOBREVIVÊNCIA NO SERTÃO

O NORDESTE, A POLÍTICA E A VULNERABILIDADE DA SOBREVIVÊNCIA NO SERTÃO

Maria de Lourdes Soares*

RESUMO

Tendo em vista que a seca no Semi-árido do Nordeste do Brasil é um problema antigo, que remonta aos tempos da colônia e do Império e vem se repetindo, resolvemos estudar como vem sobrevivendo o pequeno produtor rural da região, pois percebemos que, apesar de todo um aparato de estudos, de volumosos recursos, de políticas e de programas, a seca continua causando fome e até extermínio de grande parte da população da região, parecendo que não se encontrou solução real e definitiva para ela até hoje, já que seus efeitos são ainda marcantes sobre a maioria da população do Semi-árido, que vem lançando mão de estratégias de sobrevivência para enfrentar seus efeitos maléficos, como: carência de água, perda de safras, escassez de alimento, fome, miséria. Para isso, emprega alguns artifícios, como o suprimento de água e de alimentos alternativos, a migração, a ajuda e a caridade de familiares e amigos, e, muitas vezes, a esporádica e limitada assistência pública, resultante de fortes pressões feitas através dos saque e de outras formas de pressão.

*MARIA DE LOURDES SOARES é Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professora do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal da Paraíba.

Palavras-chave: Nordeste. Seca. Política pública. Vulnerabilidade.

O Nordeste brasileiro é uma região que vem se constituindo uma preocupação de historiadores, geógrafos, economistas, políticos, engenheiros, agrônomos e cientistas, a ponto de se perder de conta o número de seminários, congressos, simpósios, fóruns e outras modalidades de encontros realizados para discutir sua problemática e os trabalhos que foram impressos em relatórios, artigos, ensaios, livros, dissertações, teses, memoriais de empresários e reportagens em revistas e jornais falando da região. Mas, apesar da abundante literatura sobre a região, que vai desde os folhetos de cancioneros populares até ensaios, estudos históricos e sociológicos, análises econômicas e relatórios político-administrativos, as discussões sempre passam pela problemática da seca, quase sempre conservando os equívocos analíticos e políticos, mitos e preconceitos, no que se refere à região

e, mais particularmente, à área do Semi-árido e aos que nela vivem.

Nas produções prevalecem as concepções que destacam o subdesenvolvimento, a desigualdade social, a pobreza e a miséria como decorrentes da seca, e esta, como o grande problema da região, colocando como base do problema social o fenômeno da natureza, climático e meteorológico, quando tomam as limitações hidrológicas e as irregularidades pluviométricas como históricas e inevitáveis, tais como os terremotos, os vendavais e as enchentes.

Essas concepções vêm agindo no sentido de naturalizar o problema social e reivindicar um tratamento diferenciado, por parte do governo federal, para a região, justificando a atuação do Estado, como vem sendo a tônica dos discursos das lideranças políticas locais.

As produções que tentam romper com essa postura tentam mostrar que não é a seca

em si mesma o grande problema, mas a exploração que dela fazem os grupos dominantes locais, que controlam a propriedade da terra, a comercialização da produção agrícola, a exploração dos minerais e a aplicação do dinheiro público, os quais promovem a “indústria da seca”, deixando grande parte da população numa situação de precariedade.

Tentando seguir nessa mesma direção, algumas análises radicalizam a minimização dos efeitos da seca, tentando tratá-la como uma invenção da elite dominante que dela tiram proveito, ignorando sua existência real e menosprezando seus efeitos sobre a parcela mais vulnerável da população, particularmente, os pequenos produtores familiares.

Para sair desses extremos e explicitar melhor a problemática da seca, da pobreza e da fome na região, apostamos na possibilidade de enfrentamento dessas questões - se tomarmos a pobreza como causa evitável e se forem tomadas medidas adequadas na hora certa, já que o problema da região só se agrava em alguns municípios mais castigados pelas estiagens, onde a pobreza já se faz presente, com a fome aguda ocorrendo geralmente nos momentos em que os roçados desaparecem, e as reservas do sertanejo não são suficientes para suprir as famílias trazendo comida da cidade.

Há muito tempo, estudos vêm tentando esclarecer o problema da seca e da pobreza na região, onde a fome foi notificada sistematicamente desde 1934, pelo médico Josué de Castro (1982) que, traçando uma cartografia das nossas carências alimentares e do problema da subnutrição em todas as regiões do Brasil com suas conseqüentes repercussões para a saúde e para o próprio desenvolvimento econômico e social, chamou a atenção para o subdesenvolvimento da sociedade brasileira e suas conseqüências para o nosso regime alimentar, localizando regionalmente cada tipo de dieta e mostrando como o ambiente, as tradições históricas e as características sociais traçaram diferentes formas de manifestação da fome.

Tratando-se do Nordeste, mostrou que, nas áreas mais ricas e desenvolvidas, de terras boas e onde chovia sempre, a fome era mais endêmica, permanente, silenciosa, cotidiana, manifestando-se mais pela baixa qualidade nutricional do que era ingerido do que pela falta absoluta do que comer. Nas outras áreas, como no Semi-árido, a fome é apresentada por surtos epidêmicos, quando a chuva não vinha e algumas camadas sociais sofriam a falta absoluta do que comer em certas ocasiões, mas que, nos anos “normais”, havia fartura.

Embora o trabalho de Josué de Castro (idem) seja uma denúncia da situação de miséria e de subdesenvolvimento em que vive significativa parcela da população em todo o país, parece ter inspiração inicial na região onde nasceu, o Nordeste, onde a relação entre miséria, fome e seca vem sendo, há muito, estabelecida no imaginário nacional para sintetizar a pobreza, apresentada como o melhor exemplo de restos feudais ou de sobrevivência de formas sociais pré-capitalistas que geravam óbices ao processo de desenvolvimento regional. Essa análise, tomando como ponto de partida a fome, denunciava as conseqüências sociais da falta de desenvolvimento tecnológico e industrial do país, da concentração de terra, da monocultura, de um passado colonial e escravista e da nossa particular forma de desenvolvimento capitalista.

Outro que contribuiu com a denúncia do problema da pobreza no Nordeste foi o Celso Furtado, quando escreveu o GTDN. Nesse documento, contestou a visão hegemônica que o Brasil tinha do Nordeste, associando o subdesenvolvimento à seca, e esta, à miséria, numa tentativa de mostrar que isso era conseqüência da organização social e econômica, do latifúndio, com milhares de pequenos produtores aí embutidos, sem condições de sobreviver até nos anos em que chovia, por não acumularem no ano chuvoso.

Hoje, com a intensificação da internacionalização da economia, que leva a apertos econômicos e a desmonte radical das ações do Estado, a manifestação da exclusão

econômica, política e cultural de regiões e de segmentos da população aumenta, assim como seus níveis de pobreza e de violência, que se tornam mais explícitos, particularmente no Nordeste, e neste, na zona do semi-árido, onde aumentam as estatísticas de pobreza e de exclusão social.

A MULTIDIMENSIONALIDADE DA PROBLE- MÁTICA DO SERTÃO

Nossas análises das situações de vida do sertanejo vêm demonstrando que os limites da caatinga sertaneja, da escassez ou má distribuição da água - a chamada seca - por não disporem de reservatórios adequados (cisternas, poços artesianos e tubulares e açudes) e da dedicação ao cultivo de produtos de subsistência, ainda vêm causando impactos marcantes em alguns segmentos da população, com suas manifestações que parecem se repetir da mesma forma, periodicamente, apesar de ser um problema antigo no Nordeste do Brasil, que remonta aos tempos da colônia e do Império, e de todo um aparato de estudos, de recursos, de políticas e de programas voltados para o enfrentamento do problema.

Se a seca continua intensificando a pobreza, a fome e até o extermínio de parte da população da região, parecendo que não se encontrou para ela uma solução real e definitiva até hoje, não para acabar com ela, mas pelo menos para amenizar seus efeitos, ela não pode ser apenas uma invenção. E, se a pobreza e a fome no Nordeste não podem mais ser concebidas somente como consequência da seca, por que será que as "providências" do Estado basicamente não mudaram? Representam estas um descaso do governo e/ou um jogo político de grupos econômicos dominantes que se utilizam da seca para obter vantagem junto ao governo federal? Serão as políticas para mudar o Nordeste realmente fundamentadas no rosário de malogro? Se não é toda a região atingida pelo problema da seca, será esta, realmente, o grande problema da região? Se forem inúmeras as intervenções - e

é considerável o desenvolvimento tecnológico na região - como o drama da seca continua igual ou até tem piorado para uma parcela significativa da população?

Essas são questões que já foram tratadas em muitos estudos, mas não suficientemente respondidas, pois faltaram outros conhecimentos sobre a região, o modelo de desenvolvimento adotado e suas conseqüências para a maioria da população que vive nesse ambiente, suas tradições históricas e características sociais, que podem ser importantes e esclarecedoras para se compreender o Nordeste e da própria área mais afetada pela seca, e de seu povo.

Assim, para melhor entender a problemática da região e da pobreza, devemos proceder a uma análise para além da seca, sem nos esquecermos de que a seca ainda é real e é tema de destaque nos debates dos políticos, dos técnicos e da imprensa, principalmente nos anos de estiagens prolongadas.

Considerando que os documentos e as produções científicas e literárias demonstram que o processo de institucionalização do Nordeste, homogeneizado e caracterizado pelo problema da seca, suplantado pelo Sudeste e pelo Sul, fundamenta-se em vínculos territoriais e culturais como carentes de recursos do governo, chamando pela existência de interesses econômicos e políticos, foi que surgiu nosso interesse pelos meios de vida social do sertanejo, focalizando, particularmente, o mundo rural. Assim, empregando a observação e a entrevista semi-estruturada, o momento da pesquisa empírica se constituiu em um adentramento no universo natural, mas também nas vivências e representações desses agricultores do Sertão, o que proporcionou um processo de familiarização informal com as comunidades rurais e as famílias selecionadas, além de um conhecimento sistemático do conjunto de seu universo, complementando a pesquisa documental e se constituindo em um momento de resgate, mais sistemático, das formas de vida e de representação desses pequenos agricultores, em relação a seu meio de vida social, focalizando, particularmente, o mundo rural.

Nossa tentativa era a de entender por que até hoje a seca, no Nordeste brasileiro, vem redundando em problema social grave e como centenas de milhares de famílias, vivendo social e economicamente vulneráveis no semi-árido, vêm enfrentando cotidianamente as adversidades naturais e sociais e, mais particularmente o problema da seca.

Estudos demonstram que os pequenos produtores vêm sobrevivendo basicamente "com suas próprias forças e as de Deus", na medida que tentam formas de organização do cotidiano, mesmo precárias, que viabilizam sua sobrevivência. E por serem pequenos proprietários que formam uma população com pequenos lotes denominados "sítios" (de 1/3 a meio hectare), no interior ou na periferia das grandes propriedades, mais sujeitos à paisagem natural e à irregularidade pluviométrica, com reduzido investimento em infra-estrutura, formam os arrendatários e moradores que se distribuem pelas propriedades em casas (de taipa ou de alvenaria), dispostos em exíguas áreas para o cultivo de lavouras de subsistência, trabalhando na forma de parceria e de assalariamento ou com trabalhadores que moram na periferia da cidade e trabalham a terra na condição de proprietários, arrendatários ou diaristas.

São os que, vivendo na dependência do meio natural, utilizam técnicas rudimentares de cultivo, de criação, de caça e de pesca. Para eles, a terra representa não apenas a possibilidade de sobrevivência mas, sobretudo, a garantia de poderem permanecer com a família no local de origem, livres da sujeição ao trabalho alugado e é o único bem e a única herança passível de ser deixada para a família, isto é, o que confere dignidade ao pequeno produtor, por ser um patrimônio transmitido como um modo de vida. Desse modo, a terra e a água constituem-se bens de valores incalculáveis, pois, juntos, definem um estilo e REFAZER! uma economia geral de vida, e a segunda atenua a última das conseqüências da seca - a sede e a fome. Para obter recursos que viabilizam a sobrevivência vêm explorando os recursos naturais e sociais ao seu extremo para a manutenção da vida nos

anos "normais" e de seca, desempenhando os mais diversas atividades, agrícola, comercial e industrial.

Dedicados à pecuária e à policultura, cultivam, principalmente, milho, feijão arroz, mandioca, amendoim e, nos pontos mais úmidos, desenvolvem a cultura da cana-de-açúcar para moer em engenhos rapadureiros. Além disso, os recursos alimentares que precisam explorar são escassos, a água, limitada. Quando possível, plantam a terra com grande diversidade de culturas alimentares, tentam obter o mínimo possível para a sobrevivência.

Lançando mão dos escassos suprimentos de água e do limitado espaço para culturas de subsistência, distribuem as tarefas entre os membros da família, com a exploração máxima da força de trabalho dos cônjuges (quando existem), filhos, parentes e vizinhos, e/ou migram para outras regiões ou cidades em busca de melhores condições de vida e da caridade de familiares e amigos. Isso, sem falar da assistência pública que, limitada e esporádica, quase sempre, resulta de fortes pressões feitas através dos saques e de outras formas de pressão, ou até saqueamento de armazéns para obterem o que comer.

Para sobreviver, essas pessoas utilizam outras estratégias, como por exemplo: tentam combinar uma alimentação considerada relativamente rica em certos componentes protetores, como o leite e seus derivados e a carne, criando combinações de admirável primitivismo - o leite com jerimum, com batata, com farinha e com comidas de milho (angu, cuscuz, tapioca, beiju); do queijo com rapadura e do feijão (de corda, principalmente, do tipo macássar, de arranca e de rama) com toucinho, com arroz da terra, com carne (de boi, de carneiro e de cabrito) e farinha e, ainda, o leite com frutas, compondo as célebres cajazadas e umbuzadas, que lembram a associação do leite com tâmaras, usada pelos habitantes do deserto saariano. Também usam alimentos alternativos de plantas nativas.

Darcy Ribeiro (1997) reconhece que a atividade pastoril garantia uma subsistência mais farta e uma vida mais segura do que de

outros núcleos rurais brasileiros, mas que também as condições climáticas dos sertões, cobertos com pastos pobres e com extensas áreas sujeitas às secas periódicas, conformavam não só a vida, mas a própria figura do homem e do gado os quais se multiplicavam e penetravam terra adentro, diminuindo de estatura e tornando-se ossudos e secos de carnes.

Em sua análise sociológica, Câmara Cascudo (1956) salienta que as dietas alimentares dos sertanejos, condicionadas à época, à cultura e até à classe social, estão sujeitas a códigos religiosos e de costumes, geradores de tabus alimentares. Além da exigüidade da flora nativa e da ameaça das secas periódicas, que não animavam o desenvolvimento da policultura, um obstáculo ainda hoje enfrentado para maior aproveitamento das potencialidades alimentares do sertanejo é a irregularidade da participação das frutas no seu regime alimentar em decorrência dos tabus e de outros escrupulos.

Esses produtores, cuja forma de vida social permite os agrupamentos rústicos, precários - enquanto grupo - particularmente nos momentos de seca - com hábitos, condutas e técnicas e instituições herdadas culturalmente, vêm possibilitando a preservação de uma cultura tão rica que grandes escritores vieram buscar na fala e na tradição desse povo, particularmente do interior, inspiração para escrever obras-primas da literatura brasileira, que têm levado a fama a escritores, a músicos, a teatrólogos e a diretores de cinema.

Vivem um cristianismo originário, a fundo mais antigo, vindo de seus párocos e pregadores das missões e mesmo de livros antigos de rezas e de devoções, que se constituem guardiões dos locais de romaria, das representações dos mistérios, da Paixão de Cristo e outras modalidades teatrais veiculadas à religião e associadas ao ciclo natalino, como os autos pastoris.

É uma cultura marcada por um cristianismo eivado de paganismo apropriado

pelas comunidades rurais e por agentes religiosos que, sabendo ler, aprenderam a fazer adaptações que resultaram em religiosidades alegres, festivas, constituídas de cores, de ritmos e de ruídos, mas também de choro, porque irritavam a religião oficial, particularmente com os comportamentos considerados de desrespeito e de desacato a Deus, a Jesus e a Nossa Senhora, como as práticas de ridicularização dos símbolos ou qualquer forma de inversão ou negação da Igreja romana.

Lígia Vassallo (1973) coloca o Nordeste, sobretudo a área do Sertão, como herdeiro do modelo português da época do descobrimento, que sobreviveu devido à estabilidade e à longa duração de uma organização social semifeudal de patrimonialismo e de propriedade senhorial, com milícia própria ao isolamento contínuo de raças e culturas, principalmente pela marca do ambiente em que prevalece a religião, marcada pela rigidez da Contra-Reforma, que cultivava uma revolta imaginária e fantástica.

O povoamento do Brasil se fez quando Portugal e Espanha eram mais medievais do que renascentistas, vivendo o mundo dos santos e dos cavaleiros andantes, dos monges e dos castelos medievais, das renegações ao clero e aos nobres, mas sob os terrores da inquisição e da contra-reforma, da idade média, cristalizados no catolicismo peninsular com forte misticismo e fervores religiosos, fugidos da inquisição, ancorando-se na Península em busca da salvação.

Melo e Souza (1994) alertam que o Brasil-colônia, sujeito, há mais de meio século, à jurisdição do bispado de Funchal e aos jesuítas, como organizadores do catolicismo, e tendo nas instituições do padroado os incentivos e o sustentáculo dos missionários, antecipa-se à Igreja Romana, permitindo práticas de muitos senhores e populares, marcadas pelo fetichismo africano e pelo misticismo indígena, que possibilitaram santidades e práticas que misturavam as religiosidades indígenas e católicas.

Como vingança contra uma ordem social e religiosa repressiva ou conspirando contra a

igreja, os deuses indígenas foram mantidos vivos em segredo, no coração do lar, particularmente pelas mulheres, como curandeiras, rezadeiras, mezinheiras e parteiras que, com os afetos e as simbologias, mantiveram, no seio das famílias, as influências dos negros da África e da América, fazendo engendrarem hábitos e costumes complexos e originais.

Colocam Deus/Cristo/Jesus como objeto maior de adoração também responsável pelas agruras cotidianas e objeto de dúvidas e indagações, sobretudo quando a vida se torna mais dura. Para eles, **como** Deus fez os homens diferentes, ricos e pobres, a riqueza e o poder têm a obrigação de proteger os pobres e **amparar** os fracos.

Essa religiosidade se manifesta mais distintamente quando se sentem impotentes em administrar os problemas e apelam para a barganha com a divindade e/ou santos, através das credences, das rezas e dos rituais. No Nordeste, ainda hoje, líderes messiânicos conduzem multidões de peregrinos pelo Sertão afora, exorcizando, aconselhando, curando os enfermos incuráveis e infundindo esperança aos desenganados que, na esperança de milagres, rezam, confessam seus pecados e se autoflagelam, muitas vezes, não se contentando em produzir e consumir, internamente, as suas esperanças de um paraíso da terra.

Com base nesses movimentos, Darci Ribeiro (1997) caracteriza os sertanejos por sua religiosidade singela tendente ao messianismo fanático, por seu carrancismo de hábitos, por seu laconismo e rusticidade, com predisposição ao sacrifício e à violência, destacando-lhes as qualidades morais, características das formações pastoris do mundo inteiro, como o culto à honra pessoal, o brio e a fidelidade a suas chefaturas, traços que, para ele, muitas vezes, ensejam o desenvolvimento de formas anacrônicas de conduta que envolve multidões, criando problemas sociais da maior gravidade, expressos principalmente no cangaço e no fanatismo religioso, e que são atribuídos às condições de penúria que suportam os

sertanejos e às singularidades do seu mundo cultural, que terminam levando-os à aspiração e a uma maneira de pensar que brotam espontaneamente.

As práticas religiosas entre os sertanejos expressam muito mais uma alternativa de enfrentamento do mundo alheio e hostil, um recolhimento à própria subjetividade para se defender das ameaças da realidade externa, um projeto político reprimido e a expressão de um sujeito que, sob condições de alienação objetiva, mantém, ao nível da imaginação, os aspectos da liberdade que direcionam a sua atividade, com um projeto de superação, que Rubens Alves (1999) qualifica como um “suspiro da criatura oprimida”, um “protesto contra o sofrimento real” do “homem que perdeu o paraíso e que não entrou na cidade santa”. Se a consciência religiosa demonstra estar ele em conflito com o real e se projetando para sua superação, isso representa uma forma de a consciência suspirar em decorrência da opressão, um protesto contra o sofrimento, na medida em que se projeta idealmente para a superação de tais condições, mesmo que apontando para um futuro inexistente e proibido pelo presente. Contém, ainda que de forma reprimida e inconsciente, um projeto de natureza política, mesmo com a consciência de que esses símbolos não são cópias verdadeiras do real, mas sustentam um desejo e uma imaginação.

Entre os sertanejos, a prática religiosa é reconhecida pela fé em Deus, geralmente confundido com Jesus Cristo e com santo(s) de devoção pessoal para pedir-lhe proteção, sorte e socorro nas aflições e necessidades, e a quem agradece por pedidos atendidos, participando de suas festividades na terra, uma religiosidade e uma credence presentes na identificação e familiaridade com os Santos, traduzindo a indistinção sagrado-profana tão tipicamente medieval.

Os Santos são considerados figuras sagradas revestidas de poder e designadas por Deus/Jesus/Cristo para administrar as devoções. Em geral, são considerados especialistas em assuntos como plantação, chuva, problemas

amorosos, causas impossíveis, e tomados como Deuses ou seus auxiliares, confundindo-se com as imagens num estabelecimento de relações íntimas com os fiéis, a quem pedem proteção, agradecem pelo bem recebido e, quando não atendidos, zangam-se e os castigam, virando-os de costas ou amarrando-os e arrastando-os pelo chão.

Os homens devotados aos santos os colocam como objeto de consagração dos núcleos familiares (oratório), dos pequenos povoados (capela) e em meio às grandes massas (santuários), com celebração freqüente de ritos, razão pela qual cada família tende a eleger um santo ou vários santos protetores e, em consequência, vêm os santuários, as relíquias, as imagens, as orações, os benzimentos, os milagres e as promessas. A promessa se diferencia dos demais atos por se tratar de um trato entre o santo e o promesseiro - milagre e pedido - tendo cada um que cumprir a sua parte. O primeiro, executando o milagre ou a graça, e o segundo, efetuando o pagamento, processo intermediado pela fé, pela devoção e pela obrigação. As promessas só são pagas depois de obtidos os favores do Santo e, como são feitas na hora do aperto, do sofrimento, da necessidade, às vezes, vão além das possibilidades físicas ou econômicas das pessoas. Quando tal acontece, o padre é procurado para fazer a troca do prometido. Na falta deste, o próprio devoto tenta negociar o pagamento. Existem também os casos dos que não pagam o prometido e ficam em débito com o santo, podendo até ser castigados.

Os motivos das promessas são variadíssimos. Os mais comuns são: pedidos de cura de doenças, de casamentos, de melhora de vida, de inverno, de realizações de bons negócios e até de cura de animais. Para a obtenção da graça, comumente os devotos prometem: dar esmolas, fazer benefícios na Igreja ou a um Santo, conduzir uma cruz, vestir branco e azul (que são as cores da pureza ou que estão no manto de Nossa Senhora) ou as cores do santo, roubar santo, fazer romarias, publicar orações e rezas.

As manifestações de crença mais comuns começam em casa, ao cair da noite, à meia luz, quando a família e os vizinhos se reúnem na sala ante as imagens antigas, nas paredes ou em oratórios toscos, muitas vezes herdados da avó ou da mãe, para rezar orações, geralmente puxadas pela mãe e, mais raramente, pelo pai, pedindo pelas almas ou procurando alento para a vida tormentosa. O simples fato de ter esse pequeno lugar de culto a um ou vários Santos de devoção era considerado expressão de fé católica.

Quando as crenças e as devoções aos santos passam para as estradas e para o alto dos morros, tendem a formar grandes santuários para onde, em datas comemorativas, crescem os movimentos de romarias ao encontro do santo, com o objetivo de se fazerem e pagarem promessas, relacionadas, quase sempre, aos sofrimentos advindos da pobreza e dos agravos à saúde, não raro trazendo ex-votos¹ em agradecimento a curas milagrosas.

Se concebidos como divindades majestosas e juizes que esperam as pessoas após a vida terrestre, geralmente são temidos, aplacados e obedecidos, e, se podem ser justos e imparciais, é importante que as pessoas se livrem dos pecados antes ou na hora da morte, fazendo apólices de seguro ao céu, como a freqüência à missa nas nove primeiras sextas-feiras do ano, o uso do escapulário durante toda a vida ou a recitação diária de oração, como as três Ave-marias, ou até com a conversão aos sacrifícios e outras práticas.

Como na área o coeficiente de natalidade é muito alto, mas com altos índices de mortalidade, particularmente infantil, como manifestação de fome e de desnutrição em seus múltiplos disfarces, particularmente das doenças, o medo da morte proporciona um impulso em direção à vida, mas fazendo da morte o mais ativo dos cavaleiros do apocalipse

¹ Os ex-votos são talhados de madeira, barro, gesso ou cera representando partes do corpo (cabeça, perna, braço, mão, etc) onde se encontrava a lesão que foi curada, geralmente feitos por artesões.

na região, parecendo que as marcas mais fundas não são as da vida, mas da morte, tornando **esse** fator importante, assim como a preocupação com a outra vida.

Essa crença na existência após a morte tem convertido os sertanejos à visão católica de purgatório e à noção de almas penadas que vagueiam pelo mundo à procura de luz e de paz, com poder de, através delas, entrarem em contato com o plano transcendental para obter graças e socorro nos sofrimentos, o que resulta em um impressionante culto aos mortos, por meio das orações, de promessas, novenas, missas. Como uma forma de obter o reconhecimento no sofrimento, esses camponeses têm estabelecido uma familiaridade entre o povo e as almas, de tal forma, que a identidade no sofrimento parece provocar um maior encontro, particularmente com as almas penadas.

Como o povoamento do Brasil se fez quando Portugal e Espanha eram mais medievais do que renascentistas, vivendo o mundo dos santos e dos cavaleiros andantes, dos monges e dos castelos medievais, das reneгаções ao clero e aos nobres, mas sob os terrores da inquisição e da contra-reforma, a Idade Média cristalizada no catolicismo peninsular com forte misticismo e fervor religioso, fugidos da inquisição, ancora-se na Península em busca da salvação. Melo e Souza (1994) alertam que o Brasil colônia, sujeito, há mais de meio século, à jurisdição do bispado de

Funchal e aos jesuítas, como organizadores do catolicismo e tendo nas instituições do padroado os incentivos e o sustentáculo dos missionários, antecipando-se à Igreja Romana, permite práticas de muitos senhores e populares, marcadas pelo fetichismo africano e pelo misticismo indígena, possibilitando santidades e práticas que misturavam as religiosidades indígenas e católicas.

Embora algumas mitologias nativas e africanas também proclamassem um deus único e poderoso, eram capazes de assumir mais de uma forma - masculina, feminina ou ambas - categorias que vêm auxiliando no entendimento dos ensinamentos cristãos e na interpretação do poderoso deus cristão na forma feminina e **nas** devoções à Maria.

Como se vê, mesmo que a população mais vulnerável aos efeitos perversos da reestruturação capitalista, expressa nas oscilações de preços nas entressafas, na ganância dos intermediários e na falta de estímulos estatais, nas adversidades das condições naturais, já que não podem abstrair o homem de seu ambiente, inclusive no que diz respeito à fisiologia da paisagem, os tipos de tecidos ecológicos e a utilização adequada dos escassos recursos hídricos disponíveis, que envolvem questões econômicas políticas e sociais, além de da estruturação da região nos aspectos naturais, políticos, culturais e artísticos, não podem ser vistos apenas pela pobreza e miséria.

ABSTRACT

Realizing that there is an increasing predominance- found in both scientific and literary work involving the Northeast- to place the difficulties of this region as being derived from droughts, and even the ones that try to denounce extreme poverty and hunger, or even minimize the want of rain effects, terminate by reinforcing a kind of discourse which resembles the one of the political leaders. That is, they demand a better treatment for the region by making use of appealing images of drought, hunger, extreme poverty, help, charity, in order to maintain an apparatus of resources and policies that have been meant for the region since the colonization period. But, if one notices the real life of the agricultural laborers of ALTO SERTÃO, one will realize that in spite of the various policies and institutions, the drought is still damaging a significant part of the so weakened population.

Keywords: *Policy. Droughtz. Overty. Resources. Exploration.*

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manoel Correia de. Modernização e Pobreza: a expansão da agroindústria canavieira e seu impacto ecológico e social. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994 (Biblioteca Básica) 240 p.
- _____. A Problemática da Seca. Recife: Líder Gráfica e Editora, 1999. 94p.
- _____. A Terra e o homem no Nordeste. 2 ed. São Paulo: brasiliense, 1964. 267p.
- CÂMARA CASCUADO, Luis da. Civilização e cultura. São Paulo: Itatiaia, 1983, 741p.
- _____. História da alimentação no Brasil. São Paulo: Itatiaia, 1956, 928 p.
- _____. Tradições populares da pecuária nordestina. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/ Serviço de Inf. Agrícola (Doc. Da Vida Rural, 9), 1956, 78p.
- CASTRO, Josué. Geografia da fome. Rio de Janeiro: Antares: Achiamé, 1982. (Clássico de Ciências Sociais no Brasil), 361p.
- _____. Sete palmos de terra e um caixão: ensaio sobre o Nordeste, área explosiva. São Paulo: Brasiliense, 1965. 222p.
- FURTADO, Celso. A Fantasia desfeita. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. 206p.
- _____. A Problemática da seca. Recife: Líder Gráfica e Editora, 1999, 94p.
- MELO SOUZA. O Diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade no Brasil colonial. São Paulo: Companhia da Letras, 1994, 396 p.
- RIBEIRO, DARCY. Viva o povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, 476 p.
- VASSALLO, Lígia. O Sertão medieval: a origem européia do teatro de Ariano Suassuna. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993, 180 p.